

“É importante deixar claro que, de forma alguma, os recursos naturais sejam roubados das próximas gerações”

ENTREVISTA – Fernando Almeida

Especialista em desenvolvimento sustentável é enfático em afirmar que ecoeficiência e responsabilidade social corporativa são o dever de casa das corporações atuais. “Uma empresa que não adota essa filosofia deve fechar”

Como presidente executivo do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), o engenheiro sanitarista Fernando Almeida trabalha todos os dias para que as empresas instaladas no país implantem um novo modelo de negócios, no qual a atividade econômica deve estar articulada com as dimensões social e ambiental. Com mestrado em Engenharia do Meio Ambiente pelo Manhattan College, Fernando foi diretor de Meio Ambiente e Meteorologia da campanha RIO 2004 e presidente da Fundação Estadual de Engenharia de Meio Ambiente (Feema). Um dos responsáveis pela implantação no Brasil de conceitos como ecoeficiência e desenvolvimento sustentável, Fernando é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e acaba de lançar seu segundo livro, Os desafios da sustentabilidade: uma ruptura urgente, pela editora Campus Elsevier.

Correio Brasileiro – Por que é importante para uma empresa estar atenta às suas ações na área do meio ambiente?

Fernando Almeida – Hoje, e cada dia mais, não é só mais o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) ou outros órgãos que dão licença para uma empresa operar. Essa licença são burocráticas. Agora existe a licença dada pela sociedade, que fiscaliza o comportamento das empresas. Não é mais possível esconder suas ações. Todos ficam sabendo se uma empresa age de forma irresponsável ou danifica o meio ambiente. Ser responsável sócio-ambientalmente é uma questão de sobrevivência.

Correio – E como os empresários têm se comportado com relação a isso?

Almeida – Infelizmente não tenho boas notícias. É claro que existem bons exemplos e a cada dia surgem novos projetos

de empresas muito bons. Existe uma elite que percebeu a importância de adotar práticas de ecoeficiência, que ajudam a empresa a produzir mais usando menos recursos, e que se trata de um bom negócio. Mas o padrão de devastação continua alto e crescente e se continuar dessa forma será um desastre. Nós vemos vários projetos na área de meio ambiente, mas a temperatura global continua subindo, as florestas continuam desaparecendo. Existem vários projetos sociais, mas o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) continua baixo.

Correio – Mas aí a responsabilidade não é só das empresas, não?

Almeida – Esse é um dos grandes dilemas que temos. Para evitarmos um desastre ambiental, precisamos da ação de pelo menos três setores: governo, sociedade civil e empresas. A ação das empresas tende a ser mais rápida, porque elas percebem que podem ir à falência pelo próprio processo de insolvência da sociedade. Mas o diálogo



Fernanda Pontual/Divulgação

ainda é difícil. O governo tende a ver os empresários como capitalistas selvagens e os empresários criticam o governo pela sua morosidade. Mas a ação conjunta é necessária e urgente.

Correio – E há uma forma de resolver esse impasse?

Almeida – No meu livro eu digo que o mundo todo hoje precisa de lideranças. Não há líderes a altura do desafio. Não temos, por exemplo, um “Mandela da biodiversidade”. Na visita do ex-vice presidente americano Al Gore ao Brasil, questionei ele sobre a questão da liderança e ele concordou comigo. É preciso que surjam líderes.

Correio – Mas o surgimento de líderes pode demorar não? E como podemos produzir líderes?

Almeida – O mecanismo mais tradicional é a educação. Mas um grau de tragédia será inevitável. O que espero é que evitemos um estágio de guerra, que não está longe de acontecer. A escassez de água já está atingindo algumas regiões da Terra e ocasionando conflitos.

Correio – No seu livro, o senhor defende uma ruptura radical do modelo atual. O que seria essa ruptura nas empresas? A adoção da ecoeficiência, por exemplo? Ou a ruptura que o senhor

defende é mais ampla que isso?

Almeida – A ruptura deve ser mais ampla. Ecoeficiência e responsabilidade social corporativa é o básico que toda empresa deve fazer. Uma empresa que não adota essas práticas deveria fechar. No livro cito alguns exemplos de ruptura, como a da americana Dupont, que começou no século XIX na área de explosivos, entrou o século XX atuando no setor petroquímico e hoje atua na ciência da vida, criando tecnologias que reduzem o impacto ambiental. Esse foi o caminho dessa empresa, e cabe a cada um achar o seu. É preciso uma ruptura de padrão. O desmatamento deve ser zero, as madeiras usadas devem ser todas certificadas e assim por diante.

Correio – Na relação entre desenvolvimento econômico e meio ambiente, uma crítica dos ambientalistas é com relação ao estímulo ao consumo. Afinal do que adianta uma empresa de celulares, por exemplo, usar menos água para produzir um aparelho se o incentivo é para que as pessoas troquem de celular a cada seis meses?

Almeida – Um dos princípios do desenvolvimento sustentável é justamente o aumento de vida útil dos produtos, assim como o conceito “do berço ao berço” (em que o produto possa ser totalmente, ou quase, reaproveitado). O conceito de carga tam-

bém é fundamental. Não adianta usar menos água para produzir um aparelho, se a quantidade de aparelhos produzida for imensa, acima do que a natureza comporta. Mas é importante se perguntar quem cria a demanda por novos produtos. A sociedade precisa se questionar sobre seu padrão de consumo.

Correio – Por outro lado, os empresários usam o argumento da geração de empregos para aumentar a produção.

Almeida – É importante ficar claro que, de forma alguma, os recursos naturais sejam roubados das próximas gerações. Isso não pode acontecer. E não há argumento nenhum, como a criação de empregos, que justifique tal roubo. E isso é uma conscientização que deve surgir em todos, não só nos empresários. Basta ver que dificilmente alguém se elege com um discurso desses. Acredito que a conscientização está aumentando e nas próximas eleições este tema já esteja mais presente.

